

VILÉM FLUSSER

Sabemos todos que o tempo do romance passou, e que contar histórias é uma atitude um pouco arcaica, como por exemplo mastigar fumo. Mas o que deve fazer um narrador de contos nato, um daqueles que focalizavam a atenção nos bazares do Oriente, ou daqueles que rapsodiavam nas florestas da Europa nascente? Se, além da força narrativa, dispõe também, como Guimarães Rosa, de uma missão poética e de uma mensagem ética, deve utilizar a narração como veículo dessa missão e dessa mensagem. Neste sentido são os textos de GR pretextos. Mas como o nosso autor é um contador de contos nato, esses pretextos adquirem uma vitalidade própria sua que ameaça engolir a mensagem, embora nunca possa ameaçar a missão poética que é o alfa e omega da obra. Vejamos, como exemplo dessa minha teoria, o conto exposto pelo prof. Bizzarri. Se tenho razão, trata-se de um sandwich. A camada superior é formada por palavras, a camada intermediária pelo que as palavras contam, e a palavra inferior pelo que "intendem". A camada superior que chamarei de linguística, é o campo da criação poética, o campo da atividade revolucionária de GR, o campo que foi discutido levemente na última terça-feira. A camada inferior que chamarei de filosófico-religiosa, é o campo do empenho intelectual e espiritual do autor, o campo da sua luta com o inefável, e mais especialmente com o diabo. Dessa camada falaremos na próxima terça-feira. A camada intermediária que chamarei de narrativa é o pretexto para as duas camadas externas e o esqueleto a mantê-las unidas entre si, e essa camada é o tema de hoje. Nela GR nos conta a história do gigante e do homem das cavernas, do profeta e do bardo, e nos conta como nasce um mito e como nasce a poesia. Como vêm os senhores, a minha estratificação do sandwich não pode ser rigorosamente realizada. A camada narrativa passa, imperceptivelmente, para a linguística quando trata do surgir da poesia, e passa, igualmente, para a camada filosófico-religiosa quando trata do surgir do mito. É que, como disse, a camada narrativa é um pretexto, e trai esse seu caráter a todo passo. Em tese, GR não está interessado no gigante como tal, e muito menos no gigante em forma de caboclo, mas está interessado no gigante como cabide de pindurar palavras, e no gigante como ilustração de uma tese filosófico-religiosa.

Eu disse que em tese GR não está interessado no gigante em forma de caboclo, e a sua força narrativa lhe arma uma cilada. O gigante em forma de caboclo que era construído para ser uma projeção de um protótipo mítico, um Guilgamech ou Heracles, um Siegfried ou um Ruebezah, vira, espontaneamente, caboclo em forma de gigante, adquire, por assim dizer contra a vontade do autor, uma vida independente. É curioso observar como isto acontece. O conto todo é construído para ilustrar uma tese, a saber a tese de como surgem mitos e poesia. As figuras são construídas para servirem de pretextos para criações linguísticas: o gigante como veículo da língua da natureza, o profeta da língua pseudo-latinizante, o bobo da língua onomatopéica, o alemão-rana da língua pseudo-germanica e assim em diante. Subrepticiamente, começam a viver essas sombras. Reclamam, contra todas as intenções do autor, o seu interesse e o nosso. Insistem em serem tomadas ao pé da letra. E, ao invés de sermos transportados para as regiões arquetípicas das cavernas e das montanhas que falam, dos dinossauros e das aves de mau augúrio, estamos no sertão brasileiro. GR deixa-se levar pela força da sua invenção narrativa, e talvez pela sua saudade pelo interior mineiro, e toda a sua construção intelectual vê-se ameaçada. Mas será verdade o que acabei dizer? Se GR estivesse nesta sala, não sorriria ao ouvir-me? Não será, muito pelo contrário, a camada inferior, a camada filosófico-religiosa, um pretexto que GR precisa para dar vazão à sua invenção narrativa, um pretexto que tranquiliza a sua consciência, pelo menos pela duração do escrever do conto? Longe de mim de analisar os motivos do autor, mas sinto de perto a sua luta contra a sua atração pela narrativa pura e simples, e sua tentativa de justificá-la por uma mensagem digamos "plotinica", uma luta e uma tentativa que é espelhada por toda sua obra. O importante é observar que a camada narrativa e a camada filosófico-religiosa estão lutando entre si pela primacia e pelo direito de autenticidade, mas a camada linguística continua intocada por essa contenda. Ela, sim, é supremamente autêntica, e não precisa de justificativa.

Na luz do exposto podemos perguntar finalmente: Por que GR toma por cena da sua narração o interior mineiro? Em primeiro lugar, creio, por ironia. Nenhuma.

cena VILÉM FLUSSER

parece mais afastada daquelas paisagens gigantescas nas quais se desenrolam as lutas míticas da camada filosófica de GR que o pobre e corriqueiro sertão mineiro, e é justamente por esse contraste que GR o escolhe. Mas, em segundo lugar, o sertão mineiro é o lugar onde GR nasceu, e é, por causa disto, justamente o lugar no qual se dão as lutas gigantescas dos mitos primordiais da humanidade. Porque humanidade primordial, o que é isto a não ser a nossa própria origem? Se para Tolstói o campo russo é a origem do mito, e para Kafka as tortuosas ruas de Praga, são, para GR, as veredas do sertão mineiro o palco da luta do espírito humano contra o diabo e em busca da eternidade. Neste sentido, sim, GR é regional, tão regional quanto Tolstói e Kafka. Só que o sertão mineiro do qual ele nos conta não está no mapa, mas no fundo da sua consciência e portanto também da nossa, porque não está situado dentro da geografia mas dentro do existencialmente sobrevivível. O sertão mineiro de GR é vizinho, senão idêntico, com o campo russo e as ruas tortuosas de Praga. A força narrativa de GR cria tipos sertanejos, mas esses tipos são parentes dos tipos tolstoianos e kafkeanos muito mais que de gente mineira. E se alguns crêm o contrário, e pensam que GR se inspira na chamada "realidade mineira", responderei que os personagens dos contos de GR são muito mais reais que qualquer caboclo vivo ou morto, porque são parceiros reais das nossas conversações íntimas, são portanto "Mitsein" autênticos da nossa existência. A invenção narrativa de GR criou esses "Mitsein" e nisto reside, a meu ver, a sua justificativa. Pode, a meu ver, pensar perfeitamente da desculpa que é a camada inferior, a filosófico-religiosa. Mas dessa desculpa tratarei na próxima terça-feira.